
Mandinga em rede nacional: o carnaval como narrativa televisual da memória negra¹

Celina Lucas²

Resumo

As escolas de samba - espaços de socialização e expressão multiartística - são polos de resistência cultural da população negra. Conexas às suas ascendências, movimentam-se na apresentação de pautas adversas aos temas tradicionalmente abordados pela mídia. Tendo como objeto de estudo o desfile da Mocidade Alegre para o carnaval 2025, procuramos investigar o resgate da memória histórica da população negra no Brasil, quando transformada em narrativas carnavalescas adaptadas à televisão. Além da análise do cortejo, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre a diáspora africana. Dada a sua natureza multiartística, os cortejos acabam se transformando em um estopim a partir do qual novos são elaborados com o mesmo alvo em diferentes espaços midiáticos.

Palavras-chave: mídia; enredo; escola de samba; negro; mandinga.

1. A diáspora africana e a perda de identidade

“É sempre muito complexo o resgate de acontecimentos oriundos da diáspora africana no Brasil. Podemos atribuir a questão ao escasso número de registros feitos na ocasião em que os fatos ocorreram. Sabe-se ainda que parte da documentação gerada em situações como a do desembarque de africanos no país era forjada pelos comerciantes e importadores. Por outro lado, a escravidão africana não é uma questão apenas brasileira. Pessoas foram capturadas em distintas regiões desse continente e exportadas para diferentes partes do mundo.

Segundo Gomes (2024), cerca de 12,5 milhões de africanos foram comercializados como coisa na América, e o número de pessoas trazidas para o Brasil pode chegar a 4,9 milhões. No duro transporte, muitas vidas acabaram perdidas, com corpos sendo lançados ao mar e sem o devido cuidado do registro. Famílias, passados e futuros foram soterrados pelas águas do oceano. Igualmente, era comum a falta de zelo com a documentação quando muitos escravizados tinham a vida ceifada pelo penoso trabalho e a situação degradante à qual eram submetidos em solo nacional.

De acordo com Moura (2013, p.97): “os escravos deveriam ser enterrados separados das pessoas livres (...)”. Era comum a existência dos chamados cemitérios dos desvalidos - destinados a escravos e contraventores, muitos acabaram desaparecendo com

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias de Estudos de Televisão e Televisualidades, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, pesquisadora e professora. E-mail: celinalucas@gmail.com.

a urbanização das grandes cidades. Negros não tinham direito à sepultura de família. Poucos eram os senhores que permitiam a constituição de grupos familiares entre escravos, exceto para a multiplicação das peças. É o que acontecia com os chamados reprodutores, cuja capacidade de fertilização os colocava em um nível equivalente ao de animais.

É importante lembrar que a África não é um país, mas sim um continente vasto e diverso, atualmente composto por 54 países e 7 territórios independentes, distribuídos em uma área de mais de 30 milhões de Km². Sua população ultrapassa 1,2 bilhão de pessoas, reunindo uma imensa variedade de etnias, culturas e tradições. Estima-se que sejam faladas mais de mil línguas africanas, além de idiomas introduzidos durante a colonização, como o português, francês, espanhol, árabe e africâner.

No entanto, durante o tráfico transatlântico de escravizados, essa pluralidade foi ignorada. Africanos oriundos de diferentes regiões, como Angola, Moçambique e povos jejes, entre muitos outros, foram trazidos para o Brasil e tratados como equivalentes. Ao serem reduzidos a uma única condição — a de mercadoria —, tiveram seus nomes, histórias e referências culturais apagados, desconectando-os de suas raízes ancestrais.

A grande maioria dos escravos era iletrada. Sabe-se da existência de grupos que já vieram para o país alfabetizados, como os africanos muçulmanos. Outros poucos puderam aprender com os seus senhores. O analfabetismo que historicamente atingiu a população negra a impediu de escrever a sua própria história.

Concomitantemente, a história oficial brasileira foi contada de acordo com uma ótica única: a do colonizador. Esse processo, ao longo do tempo e frente à perpetuação do racismo estrutural, esforçou-se em ocultar, branquear e apagar fatos e personagens importantes na formação dos caminhos de nossos antepassados africanos em sua diáspora para o Brasil. Assim, temos muitas versões para episódios análogos e uma tendência a transformar personagens e parte da odisseia negra em fábulas.

Este artigo busca contribuir para o resgate da memória histórica da população negra no Brasil, por meio da análise de manifestações culturais como o carnaval, que, sob sua superfície festiva, abriga narrativas de resistência, ancestralidade e enfrentamento à intolerância religiosa. Destaca, nesse ínterim, a diáspora africana não como um episódio isolado, mas como elemento estruturante da formação cultural, social e religiosa do país.

2. Quem não pode com mandinga não carrega patuá

Certamente, muitos de nós já ouvimos de entes mais velhos a frase “quem não pode com mandinga não carrega patuá”. Transmitido entre gerações, esse ditado popular adverte sobre os riscos de se assumir algo para o qual não se tem preparo. Uma das possíveis origens da expressão remonta às bolsas de mandinga, pequenos amuletos usados por africanos muçulmanos trazidos como escravizados ao Brasil. Tratava-se de uma pequena bolsa feita com pele de animais e costurada à mão onde esses africanos carregavam trechos do Alcorão - livro sagrado para os adeptos do Islamismo - buscando proteção espiritual.

A Arábia Saudita é considerada o berço da religião muçulmana. Uma estreita faixa de mar a separa de alguns países africanos como Sudão, Eritreia e o Egito. Em cerca de doze países africanos, o árabe é a língua oficial. Sabe-se que havia uma grande diversidade de etnias e culturas entre os africanos que foram forçadamente exportados para o nosso país na época do tráfico de escravos. Entre eles, encontravam-se os africanos que moravam na região norte da África e próxima à Arábia. Os chamados mandingas eram seguidores do profeta Maomé.

Diferente de muitos escravizados, os mandingas sabiam ler e escrever em árabe - o que lhes conferia certos privilégios. Também se destacaram como mercadores bastante ativos no período do tráfico de escravos. Acredita-se ter sido herdado deles a estratégia para a boa venda, como afirma, mais uma vez, Gomes (2021, p.78): “Os compradores deveriam examinar-lhes a boca, para verificar se tinham boa denteição. Depois, era preciso fazê-los mexer os braços, curvar-se, correr e saltar”.

Quando chegaram no Brasil, alguns cativos muçulmanos foram usados para outros afazeres, além dos meramente braçais, sendo aproveitados na contabilidade das fazendas, na educação dos filhos dos senhores, como capitães do mato ou feitores. Com o tempo, os demais africanos começaram a relacionar o fato de eles terem “certas regalias”, com as bolsas de mandinga que carregavam. Por essa razão, começaram a produzir objetos falsos para escapar dos castigos e trabalhos pesados. No entanto, quando interrogados em árabe e desmascarados pelos verdadeiros muçulmanos, eram duramente punidos e até mesmo mortos.

Com o tempo, “mandinga” passou a nomear tanto os amuletos quanto os próprios mandingueiros. Popularmente, no Brasil, o termo passou a ser destinado até para indicar macumba, feitiço feito pelos mandingueiros, isto é, os macumbeiros. Essa trajetória, que

resultou na polissemia da palavra, ajuda a entender o surgimento e o sentido do ditado popular: se você não pode com a mandinga (ou, originalmente, se você não é mandinga), não deve carregar o patuá.

Posteriormente, outros objetos foram incorporados à bolsa de mandinga. Surgem patuás de diferentes formatos e atrelados às múltiplas crenças, como pedras, terços, rosários, arruda, trevo de quatro pontas, entre outros pertences destinados à fé, boa sorte, proteção, livramento e saúde.

3. Mocidade Alegre é uma escola de fé

O Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Mocidade Alegre, conhecido como Morada do Samba, foi fundado em 1967 e está localizado no Bairro do Limão, zona norte de São Paulo. A escola é a maior campeã do grupo especial na chamada “era sambódromo”, com doze títulos conquistados. Presidida por Solange Cruz Bichara Rezende — figura amplamente reconhecida por sua fé e liderança —, a Mocidade já havia abordado a espiritualidade e suas múltiplas facetas como força para superar as adversidades da vida no enredo de 2014.

Com o samba enredo intitulado “Andar com fé eu vou”, o desfile foi marcado por um gesto simbólico poderoso: todos os componentes, exceto a ala das baianas, ajoelharam-se ao som do verso “De joelhos eu vou cantar”, num momento lembrado até hoje como expressão coletiva de devoção. Estava, assim, firmado o compromisso da escola com o respeito à diversidade religiosa e o combate à intolerância.

Tanto em 2014 quanto em 2025, o enredo fez menção à grande fé da líder, conhecida por sua extensa coleção de terços e rosários, desfiados afoitamente entre muitas rezas por ocasião das apurações que, em São Paulo, ocorrem na terça-feira de carnaval. Contudo, a proposta de 2025 teve uma abordagem mais histórica. O enredo “Quem não pode com mandinga não carrega patuá”, concebido por Leonardo Antan e desenvolvido por Caio Araújo, propõe uma travessia simbólica — dos povos islâmicos africanos às baianas da Mocidade —, refletindo sobre objetos de devoção, cura e proteção ao longo da diáspora negra.

As baianas, destaque no enredo, já estavam presentes nos desfiles cariocas da década de 1930 e são os maiores símbolos de ancestralidade dentro de uma escola. Consideradas as mães do samba, são reverenciadas por suas comunidades e muitas vezes responsáveis pela parte culinária e o axé de seus integrantes. Simbolizam as antigas baianas e mães de terreiro dos primórdios das instituições. Tradicionalmente,

apresentavam-se com fantasias que integravam o pano da costa, saia cumprida, rendada e armada e o turbante. Hoje não constituem um quesito, mas são obrigatórias em todas as escolas.

Como líderes espirituais, estavam atreladas aos terreiros de umbanda e candomblé, como Hilária Batista de Oliveira, conhecida como Tia Ciata, mãe de santo e pequena comerciante de doces que promovia rodas de samba em sua casa, como relata o trecho abaixo:

Os primeiros desfiles das Escolas de samba seguiam um ritual quase religioso. A caminho da Praça Onze, onde acontecia a folia, os batuqueiros reverenciavam cada dona de “casa de santo”, como Tia Ciata e Tia Fé. Lembramos que na época de formação das Escolas de samba, hoje o que chamamos de quadra da escola, onde se realizam os ensaios e eventos da agremiação, chamava-se terreiro [...] (Farias, 2010, p.32).

A Bahia foi um dos principais portos de chegada de africanos escravizados e cenário de importantes levantes, como a Revolta dos Malês, em 1835. O termo "malê" vem do iorubá "imalê", que significa "muçulmano. A insurreição, que contou com cerca de 600 haussás e nagôs islamizados, ocorreu em Salvador e foi severamente reprimida. Muitos participantes foram presos, açoitados ou deportados, como aponta Fonseca (2024, p.25): “O movimento de retorno de libertos à África se iniciou devido ao banimento de muitos dos suspeitos de participação na Revolta dos Malês e, indiretamente, à partida voluntária de vários de seus parentes e agregados”.

A Revolta dos Malês é considerada a mais importante entre as muitas revoltas que assolaram Salvador ainda na primeira metade do século XIX. De acordo com Fonseca (2024), a data escolhida para o levante - 25 de janeiro - coincidia com o fim do Ramadã e com a festa de Nossa Senhora da Guia, estratégia que visava dispersar a atenção da elite branca. Os rebelados pretendiam convocar o maior número de escravos e atear fogo em pontos estratégicos distraindo a polícia enquanto eles fariam seus ataques e arrecadariam armamentos até tomarem o poder.

Apesar do planejamento, a revolta foi descoberta e o confronto, antecipado. Foram cinco dias de combate, resultando em derrota e punições duras: quatro execuções, dezenas de prisões, açoitamentos e deportações, conforme relata Fonseca (2024, p.35). Posteriormente, outras medidas foram tomadas reprimindo a população de negros libertos com a finalidade de evitar novas revoltas.

Ao resgatar essa história, a Mocidade Alegre também evidenciou o sincretismo religioso como forma de resistência cultural. No Brasil, religiões de matriz africana

associaram seus orixás a santos católicos - Ogum a São Jorge, Iansã a Santa Bárbara - como forma de preservar suas crenças diante da opressão. O desfile reforça, assim, uma mensagem de fé, ancestralidade e enfrentamento ao racismo e à intolerância religiosa.

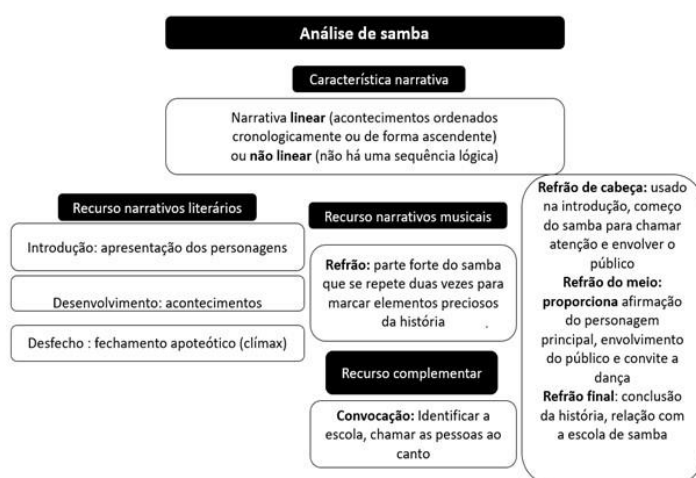
4. O samba enredo

O enredo “Quem não pode com mandinga não carrega patuá” pode ser classificado como afro-histórico e foi desenvolvido de forma linear, iniciando na captura dos povos mandinga na África. A trilha sonora foi composta por um coletivo de autores da comunidade, entre eles Fabiano Sorriso, Aquiles da Vila e Marcos Vinícius.

Como é característico do samba-enredo - gênero que une narrativa, melodia e ritmo -, a composição seguiu uma estrutura recorrente com recursos narrativos literários (introdução, desenvolvimento e desfecho). Utilizam-se ainda outros recursos próprios da música, como refrões marcantes para enfatizar passagens importantes da história, mobilizar o canto coletivo, iniciar o samba com força ou terminá-lo de uma maneira mais envolvente. Esse recurso musical faz convite ao canto e a dança (é a parte mais ritmada das composições) e auxilia nas evoluções da bateria. Também foi incluída uma convocação inicial, usada para identificar a escola e atrair a atenção do público. Trata-se de um elemento complementar e que comumente, não faz parte da composição, sendo agregado para a gravação do samba no CD oficial.

Esses recursos usados para a confecção dos sambas de enredo são combinados pelos diferentes compositores de múltiplas maneiras seguindo uma concepção narrativa linear ou não linear ilustrada no quadro abaixo.

Quadro 1- Estrutura para análise do samba.



Fonte: quadro construído a partir das pesquisas e análises da própria autora.

O samba de 2025 tem melodia bastante ritmada e, de acordo com o quadro exposto acima, poderá ser analisado da seguinte maneira:

Quadro 2- Análise do samba da Mocidade Alegre para o carnaval de 2025.



Fonte: quadro construído a partir das pesquisas e análises da própria autora.

Na introdução, o samba apresenta o patuá como “coisa de preto - mistério e magia, herança do legado ancestral” e localiza sua origem em Malê, com referências ao opelê-ifá, objeto sagrado de consulta do culto de Ifá. Em seguida, menciona o gingado negro nas ruas de Salvador e seus objetos de proteção, como os balagandãs, que servem “para enfeitar e abençoar”.

A segunda parte traz um posicionamento direto contra a intolerância religiosa: “não vamos aceitar a face da cruel ignorância”, convocando as baianas a invocarem os ancestrais. O trecho final remete à fé da presidente Solange durante as apurações: “fé – na terça um terço na mão, é o dia da consagração”.

5. O desfile

A Mocidade Alegre desfilou com 17 alas, 4 alegorias e cerca de 2.700 componentes. Apostou em uma estética apolínea e simbólica, com predominância das cores terracota e madeira, com grandes picos de iluminação em azul e verde, além de

elementos visuais como barro e água, que evocavam ancestralidade. O cortejo foi dividido em quatro setores, cada um representando um trecho da trajetória da diáspora africana.

O primeiro setor, “A terra das macumbas ancestrais”, abordou o povo mandinga em solo africano. O segundo, “Cruzos e as promessas da doutrina branca”, tratou da imposição do catolicismo aos africanos escravizados, incluindo a atuação da Inquisição contra praticantes de religiões de matriz africana e a formação das irmandades negras.

Uma das alas do segundo setor destaca Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, uma confraria dentro da igreja católica criada para acolher a comunidade negra proibida de participar dos cultos dentro das igrejas frequentadas por brancos. As irmandades estão presentes no Brasil desde meados do século XVI, inicialmente em Olinda, espalhando-se por distintas regiões do país.

O terceiro setor, “O feitiço nas ruas do Brasil”, retratou a presença africana (sobretudo em Salvador) e figuras como José Francisco Pereira, acusado de feitiçaria e perseguido pela Inquisição no século XVIII. O jovem teria sido capturado em Benin e comprado como escravo em Pernambuco, permanecendo no Brasil por 12 anos. Acompanhando o seu senhor, o Capitão Mor João Francisco Pedroso, ele passou por outras regiões do país até chegar em Lisboa, onde também fez fama de mandingueiro. Quando condenado pela inquisição, foi açoitado e teve que usar carocha e o sambenito como prova de seu desvio, renegar suas crenças e passar anos nas galés.

No setor final, a escola exaltou a permanência da fé ancestral na cultura brasileira, com referências aos ilekes (colares usados em algumas religiões de matriz africana), à umbanda, à macumba e, como encerramento, aos rituais feitos na terça-feira de apuração — momento em que a comunidade deposita sua fé e realiza diferentes mandingas, com seus patuás nas mãos, na esperança do título.

6. Considerações finais

O desfile da Mocidade Alegre foi televisionado durante o programa Carnaval Globeleza da Rede Globo de Televisão. Desde o início das transmissões integrais dos cortejos, as escolas de samba procuram adequar a sua estética narrativa àquela própria do espaço midiático. Além de preparar o evento enquanto manifestação da cultura popular e que se aprecia do alto e pelas arquibancadas, também passou a ser indispensável pensar, nesse contexto, em termos de tempo e luz, por exemplo. Dessa forma, tornou-se ainda mais importante o zelo com os detalhes mais expostos pelo requinte das lentes das

câmeras televisivas quando da captação das imagens. Gravados, os desfiles passam a entrar ainda para os anais do audiovisual.

Com o enredo proposto pela Mocidade Alegre, um episódio da diáspora negra no Brasil fica sob os holofotes, dando-nos a possibilidade de conhecer os processos de composição da cultura do nosso país através de uma outra ótica, aquela que escassamente é utilizada. O desfile representa, ainda, o fortalecimento de uma forte tendência para a composição dos enredos voltados ao resgate de nossa ancestralidade, escapando de soluções fáceis para que novas narrativas sejam contadas como um revirar dos baús esquecidos da história nacional.

No dia 22 de janeiro de 2025, Alan Cardoso escreveu para o portal CNN uma matéria com o título “Intolerância religiosa no Brasil cresce mais de 80%”. O jornalista sinalizou o registro de 3853 violações motivadas pela intransigência contra práticas de fé adversas, sobretudo, as de matriz africana. A matéria, que é somente um exemplo entre muitas divulgadas em diferentes veículos de comunicação sobre o mesmo tema, reforça a ideia de que uma nova história do Brasil precisa, urgentemente, ser contada com propósito de trazer ao conhecimento aquilo que a versão do colonizador ocultou.

O cortejo é somente um estopim a partir do qual novos conteúdos são elaborados com o mesmo alvo. Oxalá alcançaremos em breve o desejo expressado por Solange Bichara durante a apresentação do enredo de sua escola: “Eu respeito o seu amém e você respeita o meu axé!”

Referências

CARDOSO, Alan. **A intolerância religiosa no Brasil cresce 80%**, 4 fev. 202r. site CNN. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

DESFILE Mocidade Alegre 2025 – Carnaval Globeleza. Direção: Joana Thimóteo. Produção: Estúdios Globo. São Paulo: Globoplay, 2025. (57 min.).

FARIAS, Julio Cesar. **Bateria, o coração da Escola de samba**. Rio de Janeiro: Litteris, 2010.

FONSECA, Carlos. **Os retornados**. Rio de Janeiro: Record, 2024.

GOMES, Laurentino. **Escravidão Volume 1**. 7ª reimp. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

LUCAS, Celina. **A midiaticização dos desfiles das escolas de samba de São Paulo**. Orientadora: Maria Ignês Carlos Magno. 2020. 393 f. Tese (Doutorado em Comunicação Audiovisual). Universidade Anhembi Morumbi, 2020.

MATTOS, Regiane Augusto. **História e cultura afro-brasileira**. SP: Contexto, 2015.

MOURA, Clovis. **Dicionário da escravidão no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. 3ªed. SP: Unicamp, 2018.